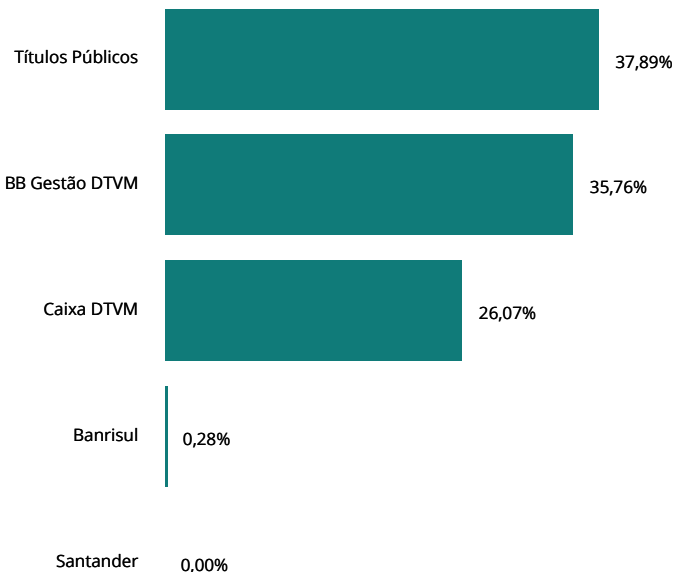


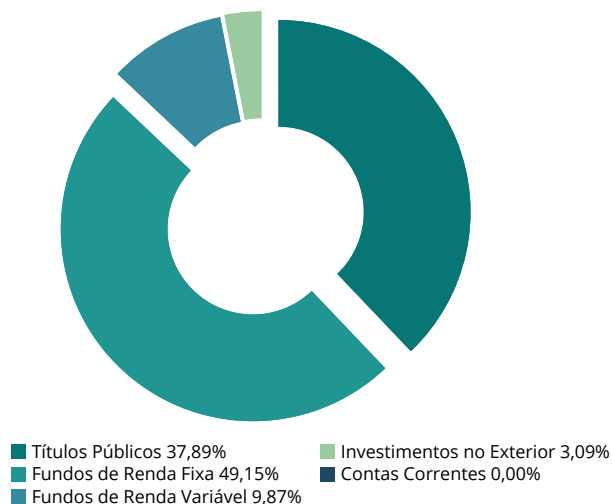
INPREVID

Os recursos do INPREVID são aplicados respeitando os princípios de segurança, legalidade, liquidez e eficiência. A diretoria do RPPS, assessorada pela SMI Consultoria de Investimentos, vem buscando estratégias para que as necessidades atuariais do Instituto sejam alcançadas de acordo com os prazos estabelecidos.

DISTRIBUIÇÃO DA CARTEIRA POR INSTITUIÇÃO FINANCEIRA



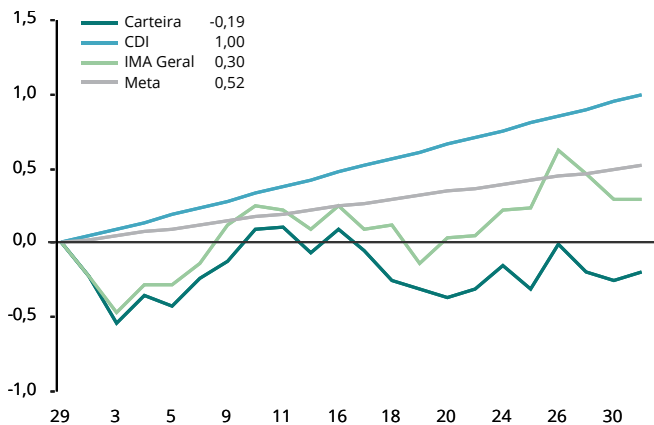
DISTRIBUIÇÃO DA CARTEIRA POR SEGMENTO



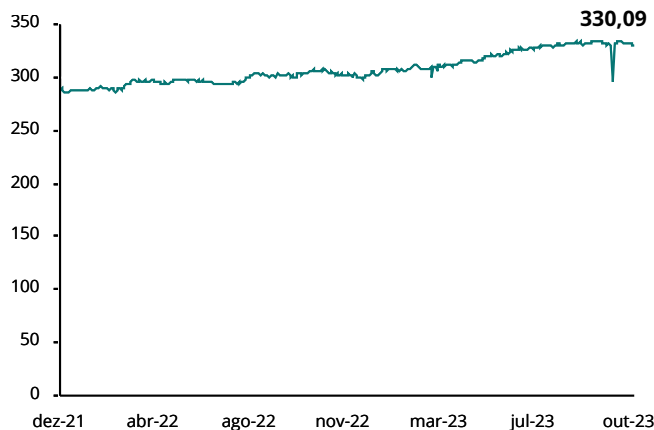
HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

COMPARATIVO	NO MÊS	NO ANO	EM 12 MESES
INPREVID	-0,19%	9,18%	8,69%
META ATUARIAL - INPC + 4,88% A.A.	0,52%	7,21%	9,32%
CDI	1,00%	11,02%	13,42%
IMA GERAL	0,30%	10,92%	11,71%
IBOVESPA	-2,94%	3,11%	-2,49%

RENTABILIDADE ACUMULADA NO MÊS (EM %)



EVOLUÇÃO DO PATRIMÔNIO (EM R\$ MILHÕES)



INPREVID

O mês de outubro apresentou a continuidade da aversão ao risco, proporcionando um declínio na rentabilidade dos ativos financeiros pelo mundo. Ademais, o conflito entre Israel e Hamas refletiu em mais volatilidade no preço do petróleo e, conseqüentemente, em novos riscos sobre a inflação, que, por sua vez, trouxe mais cautela na atuação dos principais bancos centrais do mundo.

Nos Estados Unidos, os indicadores de atividade econômica apresentaram um desempenho acima do esperado. A principal evidência dessa constatação foi a preliminar do Produto Interno Bruto (PIB) do terceiro trimestre que cresceu 4,9%. O impulso de crescimento entre os trimestres confirmou a expansão fiscal e reforça a resiliência do consumo e mercado de trabalho.

Sobre os dados do mercado de trabalho, os principais relatórios de criação de emprego consolidaram a necessidade de manter a taxa básica de juros americana elevada por mais tempo. O relatório Payroll trouxe bastante volatilidade no mercado após apresentar a geração de 336 mil empregos em setembro. Em consonância, o Índice de Preços ao Consumidor (CPI) subiu 0,4% e se manteve em 3,7% na taxa anual. O CPI de setembro é um lembrete de que a estabilidade dos preços exigirá mais tempo para ancoragem na meta de inflação, principal objetivo do Federal Reserve (Fed).

O campo fiscal americano foi um tema preocupante que alertou o mercado, após o presidente da Câmara dos Representantes ser destituído do cargo em meio às discussões sobre o orçamento governamental. Observou-se a elevação dos gastos do governo com a emissão de mais dívidas, que causou bastante volatilidade no prêmio deste ativo e deteriorou em margem os investimentos em mercado emergentes, principalmente no Brasil.

Neste contexto, o Fed reconheceu a resiliência econômica, mas também destacou a temporalidade dos efeitos do aperto monetário. Por essa razão, a taxa de juros ficou inalterada em sua última reunião.

Em contrapartida, os dados de atividade na Zona do Euro continuam indicando uma fragilidade em sua economia após a divulgação de queda de 0,1% na preliminar do PIB do terceiro trimestre. Por sua vez, a preliminar do CPI cresceu apenas 0,1% em outubro e acumula 2,9% em 12 meses. O núcleo da inflação permanece pressionado, uma vez que a queda expressiva do índice cheio advém da queda do preço de energia. Diante desse cenário, confirmou-se uma abordagem mais suave sobre os juros pelo Banco Central Europeu.

Em um ambiente de economia enfraquecida e inflação cheia apresentando sinais de arrefecimento, o BCE optou por manter a taxa de juros inalteradas em 4,5% ao ano. A presidente do BCE, Christine Lagarde, enfatizou que os próximos movimentos da estratégia da política monetária vão depender dos resultados futuros dos indicadores econômicos.

Por outro lado, a China apresentou dados positivos de uma forma geral, com expansão dos indicadores tanto em indústria quanto em serviço. Os estímulos aplicados pelo governo devem permanecer como foco da recuperação da economia, dado que o rendimento disponível para as famílias está reduzido, além de outros riscos substanciais, como o mercado imobiliário.

Outro indicativo dos incentivos governamentais pode ser observado pelo PIB do terceiro trimestre que cresceu 4,9% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior e 1,3% em relação ao segundo trimestre do mesmo ano. Por isso, há perspectiva de que o país consiga atingir a meta de crescimento de 5% neste ano.

No entanto, o indicador de inflação ficou inalterado em setembro em relação ao mesmo período do ano anterior. Dessa maneira, o mercado permaneceu orientado para maior prudência nos ativos de risco, dado todo o contexto interno da economia chinesa e externo.

A economia brasileira apresentou dados de atividade abaixo do esperado. A indústria do país denotou uma variação positiva de 0,4% em agosto, mas o crescimento ocorreu principalmente devido à fraca base de comparação entre os meses anteriores. O setor de serviços recuou 0,9%, após acumular um crescimento de 2,1% no período entre maio e julho. Por fim, o varejo teve queda de 0,2%, justificada por problemas financeiros e a redução no número de lojas.

De forma consolidada, o indicador IBC-Br de agosto reforça o processo de desaceleração da economia. Dado o contexto da temporalidade dos efeitos de uma política monetária, é um efeito saudável da normalização do cenário econômico.

No mercado de trabalho, a taxa de desocupação da população ficou em 7,7% no terceiro trimestre, resultado induzido pelo crescimento expressivo no número de pessoas trabalhando e pela retração de pessoas buscando trabalho. Corroborando para este resultado, o Novo Caged registrou a criação de mais de 211 mil novos empregos e menor variação salarial. Fica evidente que o Brasil apresenta uma economia aquecida, mas a perspectiva é que ocorra uma desaceleração do ritmo de crescimento neste ano.

INPREVID

O Comitê de Política Monetária (Copom) decidiu por unanimidade reduzir a taxa Selic em 0,50 ponto percentual, conforme esperado. Dessa forma, a taxa básica de juros passou para 12,25% e caso o cenário desinflacionário permaneça nos próximos meses, a autoridade monetária já considera a continuidade do ritmo de cortes de mesma magnitude nas próximas reuniões. O alerta do Copom está relacionado à perseguição das metas fiscais pelo governo, uma vez que as recentes incertezas com as contas públicas podem consolidar no mercado as expectativas por uma Selic terminal mais alta.

No campo fiscal, o mercado acompanhou a preocupação do governo em adquirir maneiras de elevar a arrecadação, com a finalidade de atingir a meta fiscal do novo arcabouço no próximo ano. Ademais, o principal ruído foi a declaração do presidente Lula no final do mês, em que ele afirmou que não buscará atingir a meta fiscal de déficit zero no próximo ano. Ainda que o investidor considerasse a meta zero ambiciosa e projetasse déficit primário em torno de 0,70% do PIB, esperava-se um esforço da equipe econômica em perseguir a meta.

O comunicado do Ministro Haddad também contribuiu para deteriorar a perspectiva de mercado, após as tentativas de esquivar das perguntas comprometedoras a respeito dos compromissos orçamentários do próximo ano. Haddad apresenta uma preocupação com a queda de arrecadação e deve trabalhar para o atingimento da meta fiscal de déficit zero, alvo também defendido pelo presidente da Câmara e do Senado.

A aversão ao risco determinou a rentabilidade dos ativos de risco em outubro. Os ativos brasileiros acompanharam o movimento global, com o Ibovespa apresentando queda e os juros futuros denotando alta.